



Irmandades de negros: construção da identidade de seus velhos em Minas Gerais

Fraternities of black persons: construction of the identity of the elderly members in Minas Gerais

Eneida Pereira dos Santos

Fundação Educacional Nordeste Mineiro
Brasil

Miguel Mahfoud

Universidade Federal de Minas Gerais
Brasil

Resumo

Analisando fenomenologicamente relatos de história de vida de velhos negros, moradores de Ouro Preto, São João del Rei e Serro, em Minas Gerais, Brasil, investigamos o significado atribuído a irmandades de negros por filiados de longa data e suas conseqüências para a elaboração de identidade. Constatamos que a irmandade, para um típico filiado, consiste em via singular para aquisição de prestígio social, relacionamento criativo/ativo com o sagrado e elaboração de identidade; decidindo pelo convívio com a Irmandade – que os acolhe em vida, e lhes indica criativa maneira de lidar com a morte – lida com a realidade como campo de ação para a busca de consolidação de identidade pessoal e coletiva.

Palavras-chave: irmandades de negros; identidade; memória coletiva; religiosidade popular.

Abstract

Phenomenologically analysing the personal accounts of elderly black persons, who live in Ouro Preto, São João del Rei and Serro, in Minas Gerais, Brasil, we investigated the meaning given to the confraternities of black persons by those affiliated for a long time and its consequences for the elaboration of identity. We verified that a Confraternity, for a typical affiliated, consists on a singular way for the acquisition of social prestige, creative/active relationship with the sacred and elaboration of a demanding identity. Those who decide to live in a close relationship with the confraternity – which welcomes them in life, and indicates a creative way of dealing with death – deals with reality as a field of action for the search and consolidation of personal and collective identity.

Keywords: confraternities of black persons; identity; collective memory; popular religiosity.



INTRODUÇÃO

Ir por outro caminho, seguindo a trilha histórica...

as provocações geradoras do tema

Diversos campos de conhecimento (1) – a Antropologia, o Direito, a Educação, a História, a Psicologia, a Sociologia – em seus estudos relativos à vida da população negra no Brasil, denunciam, em linhas gerais, seu restrito acesso aos direitos de cidadania ao longo da história, assim como ressaltam a necessidade de políticas públicas que promovam melhoria de sua qualidade de vida. Além disso, esclarecem que aquele grupo social, em contextos diversos, vem sendo alvo sistemático de discriminação racial camuflada (Chnaiderman, 1996; Fernandes, 1972; Francisco, 1997; Hasenbalg, 1979; Moreira, 1997; Munanga, 1996 a, b; Pereira, 1996; Pinto, 1993; Ribeiro, 1996; Santos, 1997; Schwarcz & Queiroz, 1996; Souza, 1981).

Entre as iniciativas necessárias para mudança desse quadro, recomendam a produção de trabalhos que contribuam para a elaboração de uma mentalidade na qual a pessoa negra seja admitida como legítimo outro na relação e não como mera vítima social.

Entre os estudos que correspondem às solicitações acima, pode-se citar produções, no campo da historiografia (Xavier, 1996), que, retratando a vida social nas Minas setecentistas, mostram pessoas negras como construtoras de estratégias que garantissem sua inserção social. Assim, através de filiação a um tipo específico de associação – as Irmandades Religiosas Leigas de “Negros” (2) (por exemplo, a do Rosário dos Pretos, a de Santa Ifigênia, de Nossa Senhora das Mercês) – a população negra local foi construindo uma via legal por onde encaminhar seus interesses peculiares, “legitimar seus sentimentos, valores, visão de mundo” (Aguiar, 1993, p. 308) e lidar com a morte (Ariès, 1977, 1990) de maneira criativa (Aguiar, 1993, 1999, 2001; Furtado, 2001). Além disto, nas diversas atividades que conduziam, cotidianamente, encontraram, nessa instituição, condições para a promoção de práticas sociais que deram vazão às suas tradições (Aguiar, 1993, 1999, 2001; Boschi, 1986; Menezes, 1975; Santos & Mahfoud, 1999b e Scarano, 1976; Silva & Amaral, 1996).

Segundo a antropóloga Valente (1994), apesar dessas associações católicas aceitarem e até incentivarem a filiação dos negros, com o intuito de cristianização e amortecimento dos instintos através da religião, elas serviram para o resguardo de valores culturais, em especial, de suas crenças religiosas. Em outros termos, as irmandades foram utilizadas como verdadeiros “canais” que propiciaram a preservação de cultura.

Considerando as recomendações dos estudos inicialmente referidos, e o histórico sobre a experiência de vida dos negros nas irmandades de “negros” nas Minas Gerais, nos propusemos a trabalhar com sujeitos vinculados a essas associações religiosas, trilhando



o seguinte raciocínio: se, historicamente, essas irmandades leigas representaram um campo de ação em que os negros puderam se afirmar como humanos na legalidade (Scarano, 1976), isto é, se no período colonial, numa sociedade barroca (Averini, 1989; Ávila, 1971, 1984; Campos, 1998; Maravall, 1997; Sevchenko, 1998) e tradicional (Berger & Luckmann, 1966/2000; Berger et al., 1973/1979), os negros e descendentes se posicionaram como sujeitos diretos de seus interesses (negociando, avaliando e encaminhando prioridades em benefício do seu grupo e para si próprios), será que na atualidade pode-se encontrar, nesse mesmo contexto, em irmandades de “negros”, pessoas que assim se posicionam perante a realidade?

Propusemo-nos então a investigar, na atualidade, o significado que velhos descendentes de negros, filiados de longa data a irmandades de “negros”, atribuem a elas, verificando seu papel na elaboração de suas identidades.

Em termos específicos, atentamos para o processo de elaboração da experiência de vida de cada um desses “irmãos”. Processo que pressupõe um trabalho – o “trabalho da memória” (Bosi, 1998; Halbwachs 1950/1990; Schmidt & Mahfoud, 1997). Para tal, investigamos como a irmandade em questão apresenta-se no universo das relações sociais de cada um dos sujeitos da pesquisa; como a relação de pertença ressoa nas várias áreas da vida de cada um e que tipo de possibilidade de elaboração de identidade (Berger et al., 1979; Berger & Luckmann, 2000; Ciampa, 1987; Erikson, 1968/1976, Fornari, 1996, 1999a, 1999c, 1999d, 2000, s. d.; Goffman, 1956/1996; Hall, 1992/1997; Ricoeur, 1990/1991; 1985/1996) a irmandade possibilita.

METODOLOGIA

A trilha percorrida...

Considerando a terminologia utilizada por Amatuzzi (1996), o trabalho tomou características de pesquisa fenomenológica de tendência dialética.

Desde o início estava definido o tipo de pessoas a serem tomadas como sujeitos da pesquisa: pessoas negras, acima de setenta anos, antigas filiadas à irmandade de “negros”, de cidades mineiras caracterizadas pela exploração do ouro no período setecentista. As linhas gerais deram definição ao caminho a seguir, porém, não limitaram, precisamente, os passos a serem dados. Quer dizer, os passos foram consolidados no decorrer da pesquisa, segundo indicativos da teoria, somados aos apresentados pelo momento de efetivação da pesquisa.

No que se refere à coleta das histórias de vida dos sujeitos pesquisados, foi utilizado do método de história de vida, que se apresenta, simultaneamente, como fonte de pesquisa e, ainda, como



técnica de produção e tratamento dos depoimentos gravados (Alberti, 1990; Augras, 1997; Cipriani, 1988; Demartini, 1988; Queiroz, 1991; Vilanova, 1994; von Simson, 1996).

Finalmente, para subsidiar a sistematização e leitura compreensiva (3) dos dados obtidos, recorreremos aos fundamentos propostos pela fenomenologia (Bello, 1998; Corona, 1990; Fornari, 1999b; Fruchon, 1998; Husserl, 1901/1996; Ricoeur, 1976, 1978, 1990, s. d.; Wagner, 1979; van der Leeuw, 1933/1970).

Quanto às entrevistas, foi apresentada uma pergunta que, simultaneamente, permitiu aos entrevistados narrarem o percurso de suas vidas, e, espontaneamente, indicarem como a irmandade participou de suas vidas, sem que se tivesse feito menção especificamente a ela. A pergunta solicitava os sujeitos a descreverem suas experiências ao longo de toda a vida, como moradores de sua cidade.

Os critérios para a seleção dos sujeitos participantes da pesquisa foram de caráter intencional, no sentido de buscar sujeitos específicos, que qualitativamente correspondessem aos objetivos (Macioti, 1988): descendente de negros (homens e mulheres); velho (em torno de 70 anos); antigo filiado de irmandades que nas Minas setecentistas aceitavam negros ou seus descendentes; residente em um dos três centros urbanos expressivos da cultura barroca (Ouro Preto, São João del Rei e Serro) (Ávila, 1978; Ávila, s. d.; Campos, 2000). Sujeitos, então, oriundos de uma sociedade onde a força da tradição e as características próprias da atualidade, correlacionadas, incidem sobre os seus moradores.

O contato com os então futuros entrevistados, em cada uma dessas cidades, foi estabelecido em companhia de alguém que nela residia e que havia indicado pessoas compatíveis com os objetivos mencionados, intermediado o primeiro contato com cada um dos "irmãos" apontados.

Avaliadas as pessoas que correspondiam aos requisitos, foram agendadas e realizadas as entrevistas. Para efetivação das entrevistas contamos com os dados obtidos em uma entrevista-piloto realizada, previamente, com um morador do distrito de Morro Vermelho (Caeté, Minas Gerais) que reunia características similares aos moradores das cidades selecionadas (Santos & Mahfoud, 1999a).

a. O acesso aos sujeitos da pesquisa

Foi mantido, nas três cidades selecionadas, o mesmo padrão de conduta em relação aos entrevistados. A seguir, explicitamos detalhadamente, como um exemplo, o percurso estabelecido para acesso aos sujeitos da pesquisa assim como realizado em Ouro Preto.

A via de acesso aos sujeitos da pesquisa em Ouro Preto deu-se através do Padre José das Mercês (então responsável pela Paróquia de Nossa Senhora da Conceição, Matriz da



Freguesia de Antônio Dias, em Ouro Preto), a mim apresentado por um amigo em comum. Explicado, em linhas gerais, o objetivo do projeto, foi pedido que ele fizesse indicação e apresentação de pessoas a serem entrevistadas, esclarecendo, ainda, que ele não deveria explicitar o tema focal (relação deles com a irmandade) por pretender que esse dado se apresentasse espontaneamente da parte deles, como acima referido. Alguns nomes foram apontados e Pe. José acompanhou-nos em três casas.

A primeira, no início da ladeira de Santa Ifigênia – era de Dona Tonda. A maneira pela qual ela se prontificou a conversar evidenciou confiança entre eles. Após recolher dados como número do telefone e conveniência de horário para receber a chamada, despedimo-nos e fomos às casas de mais dois moradores: seu José Emiliano e Dona Cinoca (Maria Cecília). Adotado o mesmo procedimento, responderam, solícitos, como fosse uma “obrigação” atender ao pedido do Pe. José, tratado como uma pessoa íntima e por quem se tem muita amizade.

b. As entrevistas

Foram realizadas pelo menos duas entrevistas com cada um dos entrevistados: Seu José Emiliano de Souza Filho (nascido em 1911), Dona Maria Cecília Jeremias – Dona Cinoca – (nascida em 1913), e Dona Conceição Jeremias – Dona Tonda (nascida em 1915), todos eles residentes em Ouro Preto; Dona Mercês (nascida em 1913) e Seu Geraldo Ivon da Silva – Seu Patusca – (nascido em 1916), residentes em São João del Rei e Seu Joaquim (nascido em 1916), residente no Serro.

Na primeira entrevista foi apresentada a pergunta desencadeadora do relato de história de vida. A segunda caracterizou-se, sobretudo, como depoimento, portanto, mais diretiva, buscando maiores esclarecimentos.

Durante as entrevistas, em momentos de pausas mais prolongadas, o entrevistador fazia algum tipo de interferência como: recuperava o que já havia sido dito para a pessoa se lembrar do que falava; problematizava o já dito para que continuasse seu raciocínio aprofundando o assunto ou oferecendo maiores detalhes; ou introduzia alguma questão ainda não explanada, mas que dizia respeito ao tema já abordado dentro do relato.

c. A sistematização e tratamento dos dados

Para maior fluidez da leitura, foi usada a estratégia de textualização – transcrição das fitas gravadas para a linguagem escrita – assim como proposta por Gattaz (1996): supressão de algumas expressões do entrevistador utilizadas durante a entrevista que pretendiam evidenciar, aos entrevistados, que havia entendido ou estava acompanhando o que diziam, ou, ainda, porque essas buscavam saber mais sobre o que relatavam (“sei...”, “ham ham!”, “como é isso mesmo?”).



Dessa forma, o texto que serviu de base para a categorização dos relatos transformou-se em uma crônica, considerando a seqüência de apresentação da narrativa do entrevistado.

A análise dos dados seguiu os seguintes passos:

I) Foram identificadas, após repetidas leituras das entrevistas, cinco categorias que possibilitariam verificar correlações entre os dados obtidos e os objetivos da pesquisa:

- o modo pelo qual o tema irmandade emergiu, espontaneamente (em cada um dos relatos);
- as relações de pertença indicadas pelos entrevistados (instituições e grupos com as quais cada um dos sujeitos manteve relacionamento no decorrer da vida, dependeu, fez-se constituído a partir delas);
- as atividades realizadas no interior da irmandade;
- a relação entre a inserção social dos sujeitos da pesquisa e a irmandade;
- a filiação enquanto um cuidado, em vida, com a morte.

II) Trabalhando com cada um dos relatos separadamente foram agrupados trechos segundo estas categorias.

III) Foi examinado cada trecho, considerando:

- a categoria na qual o trecho tinha sido incluído;
- o relato como um todo. Isto é, todas as informações obtidas no processo de convívio com cada um dos entrevistados: as conversas informais, a dinâmica social apreendida da cidade, os dados históricos correspondentes à cidade e ao funcionamento das irmandades, em cada um dos centros urbanos em questão;
- o conjunto do material selecionado por categoria.

IV) Os relatos dos diferentes sujeitos foram comparados, por categoria, buscando apreender uma tipologia.

V) A tipologia constituída foi tomada como base para a discussão da questão central da pesquisa, ou seja, o significado da irmandade para esses sujeitos.

RESULTADOS

A irmandade para eles

O processo de sistematização dos dados permitiu afirmar que a irmandade, para os filiados, apresenta-se como um campo de realidade em que eles, responsabilizando-se



por múltiplas ações no interior dela, consolidam uma maneira peculiar de se fazerem conhecidos, por meio de um comprometimento ativo com aquele universo de relações sociais. Através do convívio com a irmandade, ao contribuir para o funcionamento dela, os sujeitos acabam por evidenciar potencialidades pessoais, que ganham consistência justamente naquela convivência; tais como:

a) *potencialidades artísticas ou criativas*. O filiado, com o interesse de contribuir na realização da festa da padroeira, por exemplo, se dispõe a compor versos de improviso, cantar, dançar, ensinar às crianças tudo o que sabe sobre a festa para manter a realização da celebração, como mostra o seguinte trecho:

Aqui dentro do Serro, o que sabe mais verso era eu...
(...) Depor a lua é por verso. Aí eu virava e eu punha muito verso. Quando o mestre me chamava, prestava atenção. Agora é hora de depor a lua. Eu chegava e falava assim: – “Oh, caboclo! Meu pai chamava João Caco. Minha mãe Caca Maria. Juntando os cacos todos, eu sou filho da Cacaria. (...) E aí eles vinha: – “oh me ensina um verso aqui. ” Eu ensinava eles assim.

b) *Empreendimento*:

Trabalhava como sacristão, conservava o relógio, 'tava lá parado! Dei um jeito, botei ele pra andar. (...) Ele 'tava... corda arreventada, não andava não! (...) Eu depois que entrei, o relógio não ficava mais parado (...) ele trabalhava direitinho, não atrasava. Bom, mesmo que atrasasse no outro dia eu tirava aquele atrasinho pequeno.

e *negociação* com pessoas de outros níveis sociais, culturais, econômicos, para a realização de obras em benefício da irmandade: como consertos de telhado da igreja, ampliação do cemitério, realização de festas, eventos etc. e que pode ser constatado no seguinte trecho:

Aí veio o prefeito Caram, que era um médico. (...) Por intermédio dele nós fizemos alguma coisa. E teve também o Jenival Ramalho foi prefeito daqui, ele ajudou muito na Igreja. Falou que ia fazer uma limpeza na igreja. Então eu disse pra ele: – “ah não, eu não quero limpeza não, porque o telhado desta igreja tá ruim, as tábuas. ” A gente 'tava sujeito a descer um pedaço do telhado em cima do forro. Um forro... pintura antiga igual dessa Igreja! (...) “Eu acho que vai ficar pior. ” Aí ele: – “Então eu faço isso. 'Cê pode ver o mestre, vê o pessoal do patrimônio aí... conversa com eles e eles fazem o orçamento da madeira necessária. ”



c) de *cooperação solidária*. Por exemplo, responsabilizar-se pelo cuidado com as toalhas para a celebração da festa do Senhor dos Passos etc.

A gente sempre tomou conta. 'Tá vendo aquelas toalhas [Toalhas de linho, bordadas com ponto de crivo de vários tipos]. (...) Isto vem desde os tempos de meu pai.

e *desenvolver potencialidades pessoais* como:

c. 1) *ampliação dos próprios conhecimentos*. Como evidenciou um filiado, responsável por tocar violino nas celebrações religiosas da padroeira, por cerca de setenta anos.

O Seu Patusca. (...) músico da orquestra Lira Sanjoanense, já exibiu o seu violino em várias cidades mineiras atuando em festividades religiosas. Depois de se revelar ótimo afinador de piano conquistou com mérito a cadeira de professor de violino do conservatório Municipal de Música de São João Del Rei.

Ou outro que, para atuar como guia turístico, dando informações sobre aspectos históricos relativos à igreja da irmandade filiada, investiu na aprendizagem sobre o assunto, orientado por um especialista da cidade de Ouro Preto.

Eu acompanhava quem ia visitar a igreja e explicava direitinho. O Jair Inácio vinha pr'aqui, eu ficava vendo ele trabalhar e ele ensinou muita coisa.

O caráter de amizade entre os "irmãos" apresenta-se como mais um dos componentes que envolvem a vida de uma pessoa no interior da irmandade. No sentido de encaminhar realizações / urgências, os "irmãos" geralmente o fazem a partir de articulações, acordos, conversas com o tom do improvisado, porém, com atenção estratégica. Como exemplifica o trecho abaixo:

Mas nesses anos trabalhando aí eu fiz muita amizade. Tinha um, ele era amigo do juiz. Ele ficou muito meu amigo também, o Antônio Cristino, (...) chefe da fábrica de tecido. 'Tá vivo graças a Deus, Deus que o ajude, dê a ele muitos anos de vida e saúde. E, ele forneceu a ferragem pra gente embelezar o cemitério. Antes era de terra e agora, com essa reforma que nós fizemos, agora é de cimento, já com a sepultura marcada. (...) Então, a situação do cemitério 'tava ruim, eu então, comecei a mexer, vi o que era certo, o que era bom. E pedi e aí ele me deu. (...) Foi ele também que me deu essa mola pra consertar o relógio. Eu arrumei na oficina dele de serralheria, pra arrumar o relógio. Eu perguntei: - "quanto é?" Ele: - "ah, nada." Não cobrava nada. Ele era... era não, ele é legal, sempre foi! Ele é muito prestativo, muito bom!



Participando da irmandade no decurso da vida, eles evidenciam muito prazer na convivência com a mesma. Gostam de ir à irmandade, de assistir às missas, confessar, comungar, participar das festas do padroeiro da irmandade, ou outras celebrações mais festivas como a missa cantada etc. Tanto quando estão no meio do povo, como indicado a seguir:

As festas que tem na Igreja, a gente ia porque achava bonito demais! Porque a novena de Nossa Senhora da Conceição é linda demais! Aqueles canto, muito bonito! (...) E a gente vai e a gente aproveita e fica entusiasmado! Emocionado com aquilo tudo. É uma beleza!

quanto ao tomar a frente nos eventos, como mostra esse outro trecho: "Lá na Irmandade hoje eu participo (...) agora eu que bato sino e coisa. "

De qualquer forma, eles se deixam inebriar pelos eventos, pelo aspecto estético e, simultaneamente, sagrado, como evidenciado no trecho abaixo:

Tem o dia da festa de Nossa Senhora das Mercês, começa com a novena, tem a pregação, todo mundo muito satisfeito e tudo o mais. Depois vai e sai na procissão com Nossa Senhora. Nossa Senhora muito bonita, ih, uma coisa fora do comum! E uma missa cantada muito bem cantada pelos meninos, os coroinhas. E eles cantam umas coisas muito bonita!

A esse universo religioso vão e ali permanecem na companhia, também, dos familiares: "A gente ia, levava os meninos". Nesse convívio, eles apreendem um conjunto de princípios que lhes servem de referencial de conduta para si e para educar os seus. Como exemplificado a seguir:

Criei os meus filhos na religião, na Igreja. (...) Ensinei a rezar, levava à Igreja. (...) Preparava eles pra primeira comunhão, pra tudo. Não deixava eles perder missa. (...) Eu fazia questão que eles fossem ao catecismo, missa no domingo, ia todo mundo, não deixava passar sem ir não!

Assim agem, buscando garantir relação aprofundada e de respeito no seio da família. Entretanto, uma vez que a história dessas pessoas é, muitas vezes, marcada, desde cedo, por situações constritivas:

- (a) seja *restrições financeiras*: "Minha mãe era tão boa que o que eu pensava ela fazia, no trato de pobre, porque a gente era muito fraco. ";
- (b) ou perda de parentes muito próximos: "No que a minha mãe ter morrido (...), eu tinha um ano e tanto... deixou dez filhos. " ou: "Quando papai morreu eu tinha oito anos. ";



- (c) Ou a possibilidade iminente da morte: "Ah, eu sempre fui condenado pela medicina. (...) O Dr. Antônio Viegas foi o primeiro que me condenou",

os recursos acima apontados, obtidos através da convivência, são tomados, também por eles, como forma de lidarem com as experiências dramáticas então vividas. Mais ainda, de modo geral, eles se posicionam incisivamente na vida, buscando recursos no universo religioso para lidar com os momentos difíceis com que se defrontam. Como mostra esse trecho:

E, graças a Deus, porque as coisas não foram fáceis. Mas no final das contas só tenho que agradecer a Deus por tudo o que acontece. (...) A trancos e barrancos nós não devemos nada a ninguém. De maneiras que, de tudo, foi a fé em Deus, depois foi a convivência. (...) Mas com isso tudo eu tenho de dizer, Deus usa de misericórdia com a gente. É, a gente pelega de um feito e levanta de outro.

São pessoas que:

- (a) raciocinam sob a ótica da solidariedade, isso exemplificado através da seguinte afirmativa:

Ela desesperada pediu ajuda pra mim. Ficamos uns três dias no sufoco. Aí um dia eu falei: – "vamo' rezar pra Sagrado Coração de Maria, Coração de Jesus e São Judas... por uma vela. Num adianta a gente ficar nessa aflição. Vamo' rezar e deixar na mão de Deus". Nós rezamos, eu e ela. Quando foi no quarto dia, telefone tocou, era o irmão dela. Nós começamos então a agradecer a Deus a graça recebida.

- (b) exigem de si e dos outros, o máximo possível, como mostra esse trecho:

Mas 'cê sabe, né, quando passa um certo tempo tem de mudar a diretoria. Às vezes muda e dá certo, muda pra melhor, mas às vezes não. Às vezes colocava um outro lá, mudava pra pior. Porque 'cê vê, eu depois que entrei, o relógio não ficava mais parado. Também nas escritas, depois então que eu aposentei, era café pequeno pra gente tomar conta. Mas, depois que entrou uns aí, não fazia nada, não sabia pedir e nem cobrar de quem podia! Aí não dá, né!

Os filiados evidenciam pertencças como:

- a) à *etnia negra*, constatada, por exemplo, na afirmação "Eu sou preto. ", ou quando enfatizam o pertencimento deles a uma irmandade como a do Rosário, Santa Ifigênia ou a de Nossa Senhora das Mercês.



Quando eu trabalhava de sapateiro, era rapazinho novo, um camarada, ele era irmão do chefe de escritório. Um tal de Jaci. Ele quis me botar lá por cinquenta mil réis. Ele disse que eu podia pagar a prestação. Então, ele queria me colocar como irmão do Carmo. Eu falei: – “ah não, o quê que eu vou fazer lá no meio deles? Ah, não vou lá não, não quero não. Fico aqui mesmo. ” Ele era de lá. A família toda dele era de lá. Ele podia. A família era de rico. Ultimamente não, mas a família era toda de rico e branco.

É que a cor escura não é muito vantagem porque agora esse negócio como é que se diz é, o racismo né. (...) Coitada da pessoa que é escura, se não mete mesmo a cara! Quanta gente que não pode estudar aqui em São João del Rei! Era desaprovado porque era escuro, não tem condição de estudar. ‘Cê vê, nossas escolas daqui. E vê gente aí sabe aquela manada de menino, tudo menino branquinho, cabelos lisinhos. Coitado dos escuros tinha a parte separada. Oh, que isso! E não pode nem... (...) Aqui em São João, toda vida foi... todo lugar é isso. (...) Agora, atualmente... Antes tinha, agora nas igrejas não tem mais isso não. Antes é... nem se discute né, todo lugar tem essa bobagem. Mas nas Mercês nunca teve nada disso não, todo mundo serve lá. Não tem essa bobagem não.

b) *ao universo familiar*. Trata-se de uma relação com o pai, a mãe, avós: “Eu nasci aqui nessa casa. Meus avós... todos, não tem nem discussão!” ou,

Quando eu era mais nova, quando tinha meus irmãos, passeava mais. Fazia muito piquenique. Aproveitava muito a vida, junto com meus irmãos. Desde pequena era assim.

c) *à irmandade*. Pertença ao universo religioso, conseqüente do relacionamento com a família. A irmandade então, como integrante de suas vidas desde crianças, mediante incentivo dos familiares – como companhia dos mais velhos, pelo prazer da companhia, gosto pelo passeio com os seus.

Minha avó (...) Sempre ela gostava de sair e ir me levando pra passear. (...) Pequeninha... já ia com ela, pra Igreja. (...) Num entendia de nada, mas estava lá, passeando né. Quando eu fiz sete anos, fiz a minha primeira comunhão! E daí, entrei, fui pro Apostolado mirim.

d) a Deus e aos santos de devoção, segundo uma íntima e inter-atuante relação com o pertencimento à família e à irmandade, consolidados no decorrer da vida. É assim que, do acolhimento vivido no interior da família, se vêem imersos no pertencimento à irmandade, já próprio dos pais (“Ih, antes d’eu entrar os meus pais já eram da Irmandade (...) tem mais de cem anos. Nossa Senhora, nem se discute!”), e, simultaneamente, ao universo religioso / a Deus e aos santos. Como evidenciam os seguintes trechos:



Eu tenho muita devoção a Nossa Senhora das Mercês, ela é milagrosíssima. (...) Eu desenganado, pedi para ela conservar a minha vida (...) Eu sarei!

Na época que eles começaram a pagar abono de família (...) eu tinha filhos (...) às vezes dos outros demorava. Uma vez também eu recebi uns atrasado, vinte e cinco mil réis, era dinheiro pra chuchu eles perguntaram: – “Emiliano, como `cê faz, qual que é o seu padrinho?” – “Ah o meu padrinho `tá lá em cima” [apontou em direção à Igreja de Santa Ifigênia]. E justamente, porque eu tinha muita fé com ela, é. Ela me ajudava. E também eu trabalhei e não cobrava nada! E, ela que me ajudou, né. E não tinha perigo de sair mais do serviço.

Filiados à irmandade de “negros” e introduzidos pelos familiares ao relacionamento com os santos de devoção e com Deus desde que nasceram, essa relação se mantém afetiva, íntima, cotidiana e, ao mesmo tempo, respeitosa. Reconhecem a diferença de condição em relação a esses Entes – Deus e os santos – e concebem receber mais que podem oferecer:

Nós dançamos por amor a Nossa Senhora do Rosário. Quer dizer, mais do que isso ela ajuda nós, ela dá nós a vida e nós temos a alegria de festejar a festa dela.

Devido a experiências de momentos de tensão ou de tristeza e dor, devido a decepções de toda ordem como, também, de alegrias, encontram em Deus e nos santos um campo de correspondência e comprometimento cada vez maior, no decorrer da vida:

É negócio de amor que a gente tinha. Quer dizer, parece que quando eu estou entrando na Igreja do Rosário, parece que eu estou entrando dentro de casa! Tenho aquele prazer de entrar.

Trata-se, pois, de um relacionamento com Deus e os santos concebido como parâmetro de sustentação, que fundamenta ou alicerça a vida. (“É como um alicerce, uma coisa que a gente fica firme naquilo”).

Quanto às atividades por eles realizadas ao longo da vida, não há similaridade entre as assumidas pelos homens e as assumidas pelas mulheres na irmandade. As mulheres têm assumido as atividades de caráter mais assistencial (rezar na casa de legionários doentes ou na casa dos assistidos, visitar os pares e assistidos, zelar pelos altares, atender aos outros em suas necessidades, oferecer os préstimos para assistência de modo geral etc.). Já os homens se vêem assumindo atividades mais relacionadas à manutenção da estrutura da irmandade, como serviços administrativos ou para a realização de eventos. Iniciativas que zelam pelo patrimônio da irmandade assim como da tradição.



Lá na irmandade hoje eu participo. Quer dizer que muita coisa eu faço. Esse irmão que morreu, ele que batia o sino, agora eu que bato, sino. E quando no Carmo precisa eu também bato.

Eu também servi na mesa de São Geraldo, entrei como procurador e fui até secretário... nos anos de trinta e nove, quarenta... Depois de mim, entrou um secretário que não sabia escrever com tinta. E o Monsenhor: – “porque não lembraram de você que sabe escrever com tinta, pra colocar como secretário pra você lavrar as atas?”.

Uma vez que homens e mulheres se ocupam, no interior da irmandade, de tipos de atividades diferentes, também a velhice vem a ser vivida de maneira diversa. Para os homens, a velhice já não lhes permite fazer o que assumiam antes com desenvoltura, significando um momento de perda, interrupção da participação na irmandade, porque a forma típica de participação envolve a permanência e intervenção concreta na ordem e estrutura da associação (seja responsabilizando-se por obras, ou pela realização de uma festa ou tocando nas celebrações da padroeira).

E, porque a gente vai ficando decadente. E aquela coisa e tudo mas não tem aquela disposição!... Igual, a dança de caboclo é dança que tem que correr muito! Índio tem que correr, aquela coisa. E hoje é o contrário. A gente não agüenta correr igual eu corria... a voz... tudo já muda.

Janeiro é o inimigo do homem. Eu, por exemplo, vou fazer... em junho oitenta e oito anos. De sorte que, oitenta e oito anos pesa bem nas costas de um camarada! É isso. Pra mim antes era a mesma coisa, ficar... ficava o dia inteiro na serenata, no outro dia `tava trabalhando, não sentia. Bom, `tô sentindo hoje, a idade `tá pegando.

Mas um dia eu encontrei com um compadre ali em cima, compadre Milton. Ele falou: – “oh compadre, eu `tou vendo `cê vindo lá de cima!” Isto logo depois que eu larguei. – “ `Cê `tá andando lá em cima outra vez?” Aí eu falei: – “ `tou. Eu fui ver como o relógio está. ” Aí ele: – “mas oh compadre isto é um perigo, `cê tem que passar esse negócio. Não sobe naquela torre do relógio mais não, ali é um perigo danado. (...) `Cê tem família. ” Aí eu falei: – “não, eu não vou mais mexer, eu vou passar isso pro Paulino. ”

Já as mulheres, podem continuar, na velhice, participando de suas atividades típicas referentes à irmandade: rezar, fazer pequenas visitas etc. Mesmo dentro de casa, podem conceber-se inseridas em um vasto contexto social: “Eu nem rezo pra mim, já recebi minha quota... Rezo aqui mesmo. (...) Peço a Deus a paz no mundo”.



Como já dito, os sujeitos aqui refletidos vivem em sociedades tradicionalmente seletivas quanto a aspectos econômicos e raciais, que oferecem condições de vida restritivas (poucos recursos materiais, culturais etc.). Nesse contexto, a qualidade e profundidade de inserção social conseguida devem-se, sobremaneira, ao pertencimento deles à irmandade, por meio de relações de toda ordem: com os assistidos da irmandade, com seus pares – para realizar a festa da padroeira, rezar o Santíssimo para benefício de todos os “irmãos”, ou visitar os “irmãos” doentes etc.

Os filiados, no convívio de longa data com a irmandade de “negros”, aprenderam que essa associação nasceu sob a base do questionamento à hierarquia formal, social e racial. Na história da irmandade “deles” as posições hierárquicas são introduzidas e simultaneamente há indicação de que os que guardam posição inferior poderão mudar de condição; podem destacar-se em meio aos “irmãos” e perante a sociedade local, dependendo da iniciativa, trabalho, articulação com outros, através do comprometimento com os afazeres dentro e fora da irmandade.

Aí, muitas coisas eu vou falar, eu dou lição. Até à Zarinha, Maria Eremita (4) eu dou lição. Ela me chama, pergunta eu. Eu, com oitenta e quatro anos, só pra não acabar.

Outro aspecto que caracteriza um filiado de irmandade de “negros” é a maneira como se responsabilizam pelas questões da irmandade, encarando-as como de alçada particular. Como no exemplo abaixo, em que um filiado sacrifica um serrote da sua casa, para desmontando-o para garantir o funcionamento do relógio secular da irmandade.

É, enquanto eu estive aí, o relógio sempre andou bem. (...) quando eu entrei... corda arreventou umas duas vezes... Porque do jeito que `tava não dava pra ele trabalhar não. `Tava muito ruim mesmo, corda emendada com aquele caroço e tudo né. E agora a corda é boa, é de laço de boi. (...) Fizemos duas cordas. Uma pra peso grande e outra pra peso pequeno. E ele começou a trabalhar. As molas... mola muito longa. Com serrote, cortei um serrote... Mandei cortar umas tirazinha boa, de aço. E fiz uma mola do pêndulo muito boa! Que `tá até hoje. (...) Agora, por exemplo, uma peça que tinha que fazer eu arriscava e fazia, adaptava. O camarada cortava pra mim porque é aço né. Porque eu descobri que essa peça pra ficar boa, só mola de serrote. Então, tinha um serrotinho velho aí, eu sacrifiquei... Ah, mas...

Marcados pela experiência de pertencimento à irmandade por toda uma vida. O olhar com que miram a realidade é constituído a partir desta relação de implicação com a irmandade e, simultaneamente, com o sagrado. (“Eu olho com os olhos de Deus”). O compromisso que assumem na irmandade reflete o interesse simultâneo em garantir a



manutenção de tradições da cidade e dessa associação religiosa e, também, o relacionamento “vivo” com o sagrado.

Ocorre, porém, que esses sujeitos, em suas relações com essa associação, vivem experiências não apenas que refletem o fundamento da constituição dessas irmandades – de aceitação incondicional da pessoa negra -, mas também experiências de seletividade, segundo os critérios da sociedade onde estão inseridos. A inserção social deles é facilitada, promovida, viabilizada pela irmandade, mas não sem experimentar fortes contradições. Isso se evidencia quando, por exemplo, a irmandade apresenta um tratamento preferencial aos ricos (“O pessoal da Irmandade mostra que gosta dos ricos”), ou quando os associados percebem que não são ouvidos como queriam sobre assuntos relacionados com a irmandade. E um recurso para o enfrentamento das contradições internas à irmandade é o relacionamento que mantêm com Deus e os santos. Por exemplo, mediante alterações feitas pelo novo pároco, um filiado decide mudar a sua maneira de participar da Irmandade, enfatizando a continuidade de sua devoção à Nossa Senhora das Mercês: “Oh Nossa Senhora, num vou deixar de te pedir perdão, não vou deixar de pedir misericórdia, e tudo o mais, mas não vou lá [à Irmandade] mais como antes”.

Trazendo como referencial a experiência de caráter religioso (relação com o sagrado, evidenciado por eles como sendo um horizonte de realidade mais extensivo e profundo, e que os fazem confiantes, apesar de saberem dos percalços presentes na vida), eles se dispõem / vão se dispondendo a viver a novidade dos encontros, seja no interior da irmandade, seja em outros contextos ou circunstâncias.

Então, a situação do cemitério `tava ruim, eu então, comecei a mexer, vi o que era certo, o que era bom. E pedi e aí ele me deu.

Quando rapazinho, a gente ajudava no dia de festa e depois, se tinha serviço pra gente ter de carregar algum material, a gente trabalhava... . Eu gostava de trabalhar com aquela meninada.

Tinha umas vizinha que iam buscar lenha... aquela companheirada boa, as vizinhas e a gente ia batendo papo, voltava.

E então vi lá uma senhora, `tava lá o menino, tinha morrido. Ela `tava lá sem um dinheiro pra comprar um caixão sem nada. Comprei o caixão, pus ele na cabeça e paguei o caixão, pus o menino lá.

Dessa maneira, evidenciam que a disposição parte deles e que, além disso, contam com a intervenção de quem está para além do que podem arregimentar. A posição de todos eles então, no que diz respeito à inserção social, consiste em se colocarem à disposição de Deus e



nele confiar em quaisquer circunstâncias. Talvez aí esteja o ponto-chave. Eles mostram compreender que devem viabilizar a própria inserção, sabem das condições constritivas presentes, demonstram querer a inserção e confiam na possibilidade de consegui-la, contando com a intervenção de um algo mais, qualificado como Deus e os santos.

Nos momentos das dificuldades, a gente ia lutando como podia e punha tudo na mão de Deus. (...) A vida toda foi assim, sempre foi muita fé em Deus. Então, a gente precisa de ter fé, se a gente não tiver uma coluna forte pra encostar, qualquer tropeção que a gente tem, cai. Toda vida eu nunca deixo de minha oração, minha fé, minha cruzinha no pescoço. (...) Ele é quem pode nos valer.

O fundamento para a inserção social consiste na experiência de já pertencerem a um relacionamento desde o nascimento (à família que, simultaneamente, já os introduziu na relação com o sagrado) e a relação com a irmandade pode ser apreendida, pois, como aquela em que os sujeitos renovam, reafirmam, revitalizam a experiência da inserção mas não propriamente a inauguram. Eles requerem da irmandade, mas trazem neles a experiência de pertencimento a uma relação em que se viram sustentados no decorrer da vida; daí serem tão exigentes em relação à maneira como a irmandade vai sendo conduzida. ("Mas, depois que entrou uns aí, não fazia nada, não sabia pedir e nem cobrar de quem podia! Aí não dá, né!").

Outro aspecto importante que caracteriza um "irmão" refere-se à maneira de conceber e lidar com o momento da morte. Como um momento de mudança de condição de existência, é uma experiência a ser cuidada, providenciando-se, em vida, o que se deseja receber depois de morto.

A Irmandade é... `cê paga uma quota anual pra ajudar nas coisas, nas festas, nas despesas da Irmandade, o sujeito tem direito quando morrer de ser sepultado no cemitério dessa Igreja! (...) Ser irmão é uma tradição, e já vem desde muitos anos. Ninguém queria sepultar, não tinha aonde sepultar! Tinha o cemitério dos desvalidos, porque sepultava qualquer um. Era lá no São Francisco de Paula. (...) Antigamente era isso mesmo, porque `cê morria não tinha que pensar onde é que vai sepultar ele, não tinha cemitério municipal. Antigamente o sujeito entrava por causa disso mesmo (...) queria um lugar pra ser sepultado. Aí, quando morria, já sabia que tinha entrado pra Irmandade, ele tinha uma vaga para ele.

Garantir, enquanto "irmãos", pompas e ritos fúnebres específicos, um enterro decente, ter direito a uma sepultura no cemitério da irmandade, de preferência próximo à sua igreja, significa também ser acompanhado, no momento do sepultamento, em "corpo de confraria".



Além disso, cada um dos "irmãos" refere-se à necessidade de ocupar-se com o que é um motivo de ordem superior: garantir o direito aos cuidados também com a alma, através das indulgências (distinguindo-se de pessoas que se filiariam apenas contando com a sepultura):

Agora... tem gente que não sabe o que é irmandade, não sabe o que é indulgência... Antes de morrer a gente deve ganhar, pra melhorar a nossa situação no purgatório.

Quando compra a cova... sendo irmão de qualquer uma, por exemplo, do Carmo, Mercês: dobra o sino. Um dobro muito triste, quer dizer comprou o buraco, mas não é irmão, compra só o buraco. Olha lá embaixo no Quicumbi, chama Municipal, enterra-se gente lá que não tem irmandade coisa e tal e tudo o mais. Esse quer entrar pra baixo... essas coisas é a parte inferior. (...) Aqui em casa ninguém comprou só o buraco. Não! A diferença não é só por ter um buraco como lugar de reserva, não. Tem de ser irmão, receber o escapulário, freqüentar a Igreja, a associação, o dia que tem a reunião.

Convivendo com a irmandade e atuando ali de forma comprometida (tomando iniciativas de trabalho, pagando os anuais ou mensalidades, assistindo regularmente à missa etc.), seus filiados fazem com que, no decorrer da vida, cada circunstância nessa associação seja também garantia de tratamento específico na ocasião da morte.

O momento da morte, para eles, consiste em um momento de síntese em que, definitivamente, o "irmão" tem o acesso à experiência do ritual de pertencimento a uma dada tradição. Momento em que se pode evidenciar, pela última vez, a identidade daquele que morreu – ser ele um filiado de uma irmandade e que possui um dado valor social constituído no decorrer dos anos de filiação. Reconhecimento do valor que é expresso, por parte da irmandade, através do tipo de mortalha, do número de velas, de missas celebradas, do local do enterro (próximo da igreja), do cortejo que atravessa a cidade ("Quando eu morrer eu quero ir é pra lá, pra longe. Qualquer das duas Mercês que me enterrarem 'tá bom. Eu quero que 'ocês passem comigo pela cidade. "), do específico toque de sino anunciando a morte do "irmão" a indicar inclusive o grau de participação que estabeleceu com a irmandade e funções etc.

O sino 'tá tocando, e é pr'um defunto, pelo irmão que morreu. Quando eu morrer eles mandam avisar, me dão um lugar na sepultura e não preciso d'eu ir lá pro municipal não.

Assim, formaliza-se a preservação da memória daquele que partiu, fixada também pela placa de identificação da sepultura: "A placa da minha irmã Ifigênia ainda está lá. "



Como a morte é mantida como um aspecto que merece atenção permanente, ao longo de toda a vida, os sujeitos que vivem uma experiência de filiação a uma irmandade de "negros" lidam com a vida e com a irmandade evidenciando um tom dramático, de tensão, ao mesmo tempo em que demonstram descontração, gosto em conviver. Tensão por viverem praticamente destituídos de privilégios ou garantias sociais de qualquer ordem – e nessa perspectiva a morte é sempre um risco iminente – e porque, embora saibam do valor do momento da morte e tenham buscado garantir tudo o que consideram indispensável, ainda assim, não têm a certeza de que irão receber, efetivamente, o que esperam. Compreendem que a concretização desses "direitos" depende de inúmeras circunstâncias e pessoas, como os seus familiares ou outros, da atenção e compreensão por parte dessas do valor do ritual para o falecido. Explicitam o que querem, gracejam, falam sério... mas não podem ter a certeza de que serão atendidos no último querer.

O meu marido (...), a mãe dele falava que queria ser enterrado nas Mercês de Baixo. E quando ela morreu, enterraram ela aí. (...) Ele falava assim, – "defunto não fala". (...) Aí eu falava com ele: – "mas eu quando eu morrer eu quero ir é pra lá, pra longe." (...) Eu falei assim, "sua mãe tinha vontade de enterrar nas Mercês de Baixo." E ele: (...) "A gente vai arrumar onde 'tá mais prático." Enterrou aí mesmo na sepultura da família.

Nessas circunstâncias, mais uma vez, eles se apresentam recorrendo à relação constituída, para além do imediato, com Deus e os santos. As expectativas se voltam para o que poderá vir pela intercessão deles. Afinal, tomados todos os cuidados, quem decide o que vai ocorrer (inclusive sobre o tempo de vida que terão) não são eles, mas Deus.

E muitos também que às vezes não entravam com medo de morrer. (...) É supersticioso, acha que entrando na Irmandade vai morrer nela. Não! Morre no tempo que tem que morrer (...) Eu não tenho, que a vida quem dá é Deus. Então, 'ocê podia viver muito tempo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Do que se aprendeu a partir do convívio com os sujeitos da pesquisa

Vemos uma dinâmica de relações nas comunidades em que as pessoas encontram-se, tomam decisão de atender a um pedido de outro, movem-se solidárias entre elas; entendem-se com direito e respaldo para questionar toda a sociedade, e inclusive a própria irmandade. Vemos sujeitos sintonizados com a cultura barroca, concebendo-se constituídos a partir de uma relação de comprometimento e de um diálogo vivo com Deus e os santos de sua devoção. Comumente consideradas alheias, marginais aos processos sociais, mostraram-se com



densidade, com senso crítico apurado, vêem-se com direito a contestar o que contraria os valores de solidariedade, de respeito humano, etc.

Vemos sujeitos posicionando-se como co-participantes, ativos na relação com Deus e santos de sua devoção, com uma relação de intimidade, de amizade, de afeição, resultando numa participação comprometida com os outros. Fazem isso, segundo afirmam, com gratuidade, por amor, porque "Ela vai gostar", porque Ele, afinal de contas, "pode nos valer", "que a gente não sabe como fala, mas é como um alicerce que garante a nossa vida"; mesmo sabendo que não têm como retribuir na mesma medida as graças alcançadas, querem fazer mais e mais em prol da amizade em que se vêem envolvidos.

Vemos sujeitos mais ativos que imaginativos, tomando como de ordem pessoal o que é de utilidade pública, responsáveis pela vida do outro como se fosse de sua alçada particular, com um senso de moralidade amadurecido (disponíveis para colocarem-se na perspectiva do outro).

Vemos sujeitos para quem o significado da Irmandade é ímpar, imensurável e incontestável: campo de experiências onde puderam exercer suas potencialidades, onde ser tratados e se conceberem como humanos; respaldo social garantido por uma história de relacionamentos que lhes permitem apresentarem-se como pertencentes e como particularmente protegidos por um Ente sagrado valorizado naquele meio social.

Vemos sujeitos para quem a Irmandade é eixo ordenador, sustentador de suas vidas, permitindo viverem no interior da sociedade, perante o outro, a partir da pessoa que são e não a partir do que têm; mantendo-se sob tensão, em constante embate no viver, comprometidos com a vida, atentos às oportunidades de participarem da vida social, mas não dependentes, exclusivamente, das circunstâncias impostas pelo grupo social; questionando a realidade, contrariam determinações de diversas ordens (como mostrou o Seu Patusca, diante de duas condenações recebidas pela medicina, ao recorrer a Nossa Senhora das Mercês, e, segundo ele, recebendo a cura. Ou Dona Mercês, que sofrendo grave acidente ainda menina, que lhe daria a chance de justificar um retraimento diante de responsabilidades, contando com a certeza da companhia de Deus, não ficou mais parada. Exemplos deste tipo são encontrados em todos os entrevistados).

O que faz com que, mesmo vivendo em circunstâncias constritivas de toda ordem – poucos anos de escolaridade, restrições socioeconômicas ou de participação política, limites impostos pelo preconceito racial etc. -, não estejam principalmente determinados por elas? É o compromisso por eles empreendido de acontecerem humanos, dentro do relacionamento com um outro significativo: envolvem-se com a irmandade, atendem às suas demandas, levando adiante o projeto que entendem trazendo em si próprios.



Tendo em vista a baixa escolaridade deles e, portanto, o pouco acesso a bens culturais, e a indiferença social com que têm de lidar, o conteúdo trazido pela tradição religiosa pode ter-lhes valido, em grande medida, como recursos simbólicos para refletirem sobre a complexidade própria da vida e o próprio posicionamento nela.

Vemos sujeitos que passam a vida inteira convivendo com o tema da morte, dando à vida um caráter dramático, de tensão permanente, pela incerteza inerente ao tema que demanda reflexão sobre o significado último da vida. Mas, ao mesmo tempo, esse fenômeno é encarado como último momento da vida em que sua história e sua pessoa será afirmada, e perante toda a sociedade. Mantêm-se em permanente estado de interlocução com a morte (a preocupação com essa é reforçada, inclusive, pela perda de parentes próximos, pelo risco da perda da própria vida, graves acidentes sofridos em tenra idade etc.), tomando iniciativas para aprender a lidar com ela ao longo de toda a vida, segundo os procedimentos propostos pela irmandade. Todos os outros limites sociais, políticos e econômicos são gerenciados sob o mesmo prisma. Ocupando-se sempre com afazeres que remetem ao tema da morte, assim procedem pelo gosto à vida, pelo interesse consistente em mantê-la, pelo interesse de mantê-la com consistência.

Vemos sujeitos, enfim, para quem todas as limitações presentes em suas vidas foram, então, encaradas tomando iniciativas e apostando nas possibilidades de superação. Nem mesmo a morte se apresenta como um limite final que os estancaria, que os intimidaria perante a vida. Ela é entendida, por esses sujeitos, como uma condição do ser humano, com a qual se lida, se admite como inevitável e se toma medidas na vida diante dela; mais um motivo consistente para o cuidado e manutenção de diálogo vivo com Deus e com os santos de devoção.

Um ponto de controvérsia e provocação ou, um início de novas conversas

Diante desses resultados, sugerimos que se reflita sobre as propostas qualificadas como "inclusivas" (iniciativas para assegurar direitos até então não disponíveis para um sujeito ou um grupo social): Vemos sujeitos que não vivem condicionados àquilo que o outro oferecerá, e portanto não vivem segundo a medida estabelecida por aquele que está a propor a iniciativa da inclusão. Vemos sujeitos não se adequando a tal lógica por não viverem na dependência daquilo que lhes oferecem, ou concedem. Lidando com a realidade como um campo de ação para a busca de atendimento a exigências pessoais, eles adentram a realidade procurando, em comum, contribuir para a consolidação do que intimamente desejam. É radicalmente diferente da concepção de ser condicionado pelas garantias, ofertas, delegações dadas pelo outro grupo social.

Vale dizer, ainda, que os programas que objetivam melhoria da qualidade de vida das pessoas negras são essenciais, se considerado o nível restrito de investimentos destinados a elas, no decorrer da história do Brasil (isso, também, em termos



comparativos com outros grupos sociais) (Hasenbalg, 1979). Com efeito, deve-se avaliar a concepção de humano que sustenta os mesmos programas. Se o pressuposto for de acolhimento do sujeito ou grupo de sujeitos a um universo de possibilidades (de garantia de seus direitos de cidadania), alheio ao projeto de ser deste(s) – o que intimamente querem alcançar na vida –, é provável que se deixe de lado o fundamental para o sucesso da iniciativa.

Referências Bibliográficas

- Aguiar, M. M. (1993). Vila Rica dos confrades: a sociabilidade confrarial entre os negros e mulatos no século XVIII. Dissertação de Mestrado, Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, São Paulo, SP.
- Aguiar, M. M. (1999). *Negras Minas Gerais: uma história da diáspora africana no Brasil colonial*. Tese de Doutorado, Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, São Paulo, SP.
- Aguiar, M. M. (2001). Festas e rituais de inversão hierárquica nas irmandades negras de Minas colonial. Em I. Jancsó e I. Kantor (Org.s). *Festa: Cultura & Sociabilidade na América Portuguesa*. Vol. 1. (pp. 361-393). São Paulo: Hicitec, EDUSP, FAPESP, Imprensa Oficial.
- Alberti, V. (1990). A história oral: a experiência do Cpdoc. Rio de Janeiro: Ed. Cpdoc / FGV.
- Amatuzzi, M. M. (1996). Apontamentos acerca da pesquisa fenomenológica. *Estudos de Psicologia*, 3 (1), 5-10.
- Ariès, Ph. (1977). *História da morte no ocidente*. (P. V. Siqueira, Trad.). Rio de Janeiro: Francisco Alves. (Original publicado em 1975).
- Ariès, Ph. (1990). *O homem diante da morte*. (L. Ribeiro, Trad.). Rio de Janeiro: Francisco Alves. (Original publicado em 1977).
- Augras, M. (1997). História oral e subjetividade. Em O. R. M. von Simson (Org.). *Os desafios contemporâneos da história oral* (pp. 27-37). Campinas: Centro de memória – Unicamp.
- Averini, R. (1998). Tropicalidade do Barroco. Em E. ARAÚJO (curador). *O universo mágico do barroco brasileiro*. (pp. 53-57). São Paulo: SESI.
- Ávila, A. (1971). *O lúdico e as projeções do mundo barroco*. São Paulo: Ed. Perspectiva.
- Ávila, A. (1978). Atlas dos monumentos históricos e artísticos de Minas Gerais – Circuito do Diamante II; Serro – Patrimônio Cultural. *Revista da Fundação João Pinheiro*. 8 (12), 3-34.
- Ávila, A. (1984). *Iniciação ao Barroco Mineiro*. São Paulo: Nobel.
- Ávila, C. (s/d). *História de São João Del Rei*. Retirado em 20/05/2001 de World Wide Web: <http://www.users.mgconecta.com.br/~sjonline/historia/indice.html>.
- Ales Bello, A. (1998). *Culturas e religiões: uma leitura fenomenológica*. (A. Angonese, Trad.). Bauru: Edusc. (Original publicado em 1997).



- Berger, P. L.; Berger, B. e Kellner, H. (1979). *Un mundo sin hogar: modernización y conciencia*. (J. García-Abril, Trad.). Santander: Editorial Sal Terrae. (Original publicado em 1973).
- Berger, P. L. e Luckmann, Th. (2000). *A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento*. 19ª ed. (F. S. Fernandes, Trad.). Petrópolis: Vozes. (Original publicado em 1966).
- Boschi, C. C. (1986). *Os leigos e o poder: irmandades leigas e política colonizadora em Minas Gerais*. São Paulo: Ática.
- Bosi, E. (1998). *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. 3ª ed. São Paulo: T. A. Queiroz / EDUSP.
- Campos, A. A. (1998) *Cultura barroca e manifestações do rococó nas Gerais*. Ouro Preto: FAOP/ BID.
- Campos, A. A. (2000). *Roteiros sagrados: monumentos religiosos de Ouro Preto*. Belo Horizonte: Tratos Culturais / Editora Francisco Inácio Peixoto.
- Carneiro, S. (2000, fevereiro). Uma guerreira contra o racismo. *Revista Caros Amigos*, 35, ano III, 4-29.
- Chnaiderman, M. (1996). Racismo, o estranhamento familiar: uma abordagem psicanalítica. Em L. M. Schwarcz e R. S. Queiroz (Org.s). *Raça e diversidade* (pp. 83-95). São Paulo: EDUSP.
- Ciampa, A. (1987). *A estória do Severino e a história de Severina*. São Paulo: Brasiliense.
- Cipriani, R. (1988). Biografia e cultura: da religião à política. Em O. R. M. von Simson (Org.). *Experimentos com histórias de vida (Itália – Brasil)* (pp. 106-175). São Paulo: Vértice.
- Corona, N. (1990). El concepto de hermenéutica – entrevistado P. Ricoeur: notas sobre tres pasos de su desarrollo. En *Fe y filosofía: Problemas del lenguaje religioso – Paul Ricoeur*. (pp. 7-54) Buenos Aires: Ed. Almagesto y docencia.
- Corrêa, C. H. P. (1996). História oral: considerações sobre suas razões e objetivos. Em J. C. S. Bom Meihy (Org.). *(RE) Introduzindo a História Oral no Brasil*. (pp. 62-70). São Paulo: Xamã.
- Demartini, Z. de B. F. (1988). Histórias de vida na abordagem de problemas educacionais. Em O. R. M. von Simson (Org.). *Experimentos com histórias de vida (Itália – Brasil)* (pp. 44-71). São Paulo: Vértice.
- Erikson, E. H. (1976). *Identidade: juventude e crise*. 2ª. ed. (A. Cabral, Trad.). Rio de Janeiro: Zahar. (Original publicado em 1968).
- Fernandes, F. (1972). *A integração do negro na sociedade de classes*. São Paulo: Ática.
- Fornari, A. (1996). Identidade personal, acontecimento y alteridad desde Paul Ricoeur. La atestación del si-mismo entre “mediación narrativa” y “hermenéutica del testimonio”. *Escritos de Filosofía*. 29-30, 251-272.
- Fornari, A. (1999a) De la ética a la ontología. Educación a la crítica y fundamentación en el equilibrio reflexivo. *Stromata*. 55, 201-222.
- Fornari, A. (1999b, 17 de novembro). Fenomenologia e Ricoeur. Em Curso Memória, História e Identidade em Paul Ricoeur. Belo Horizonte: Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UFMG. 16 p. (Texto mimeogr. / aula).



- Fornari, A. (1999c, 16 a 20 de novembro). Curso Memória, História e Identidade em Paul Ricoeur. Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UFMG, Belo Horizonte. (Notas gravadas do curso).
- Fornari, A. (1999d). Las experiencias de passividad com desafío a la razón. *Cadernos de Psicologia*, 9 (1), 9-29.
- Fornari, A. (2000, 20 a 22 de novembro). Curso Hermenêutica, Educação e Política. Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UFMG, Programa de Pós-Graduação em Educação da UFMG, Belo Horizonte. (Notas gravadas do curso).
- Fornari, A. (s. d.). Identidad exigente, memória histórica y "tradicionalidad". Conicet: Universidade Católica de Santa Fe, 19 p. (Mimeograf.)
- Francisco, D. (1997). Racismo, Universidade e o Negro. *Anais, Seminário Relações Raciais e Mercado de Trabalho: Dilemas e perspectivas da população negra*. (pp. 94-104). Belo Horizonte.
- Fruchon, P. (Org.) (1998). *O problema da consciência histórica: Hans-Georg Gadamer*. Rio de Janeiro: Fundação Carlos Chagas.
- Furtado, J. F. (2001). Transitoriedade da vida, eternidade da morte: ritos fúnebres de forros e livres nas Minas setecentistas. Em I. Jancsó e I. Kantor (Org.s). *Festa: Cultura & Sociabilidade na América Portuguesa*. v. 1. (pp. 397-416). São Paulo: Hicitec, EDUSP, FAPESP, Imprensa Oficial.
- Gattaz, A. C. (1996). Lapidando a fala bruta: a textualização em História Oral. Em J. C. S Bom Meihy (Org.). *(RE) Introduzindo a História Oral no Brasil*. (pp. 135-140). São Paulo: Xamã.
- Goffman, E. (1996). *A representação do eu na vida cotidiana*. 7ª ed. (M. C. Santos Raposo, Trad.). Petrópolis: Vozes. (Original publicado em 1956).
- Halbwachs, M. (1990). *A Memória Coletiva*. (L. L. Schaffter, Trad.). São Paulo: Editora Vértice. (Original publicado em 1950).
- Hall, S. (1997). *Identidades culturais na pós-modernidade*. (T. T. Silva e G. L. Louro, Trad.s). Rio de Janeiro: DP&A. (Original publicado em 1992).
- Hasenbalg, C. A. (1979). *Discriminação e desigualdades raciais no Brasil*. Rio de Janeiro: Edições Graal.
- Husserl, E. (1996). *Investigações lógicas; sexta investigação*. (Z. Loparic e A. M. A. C. Loparic, Trad.s). São Paulo: Nova Cultural. (Original publicado em 1901).
- Maciotti, M. I. (1988). Vida cotidiana. Em O. R. M. von Simson (Org.). *Experimentos com histórias de vida (Itália-Brasil)* (pp. 177-192). São Paulo: Vértice.
- Maravall, J. A. (1997). *A cultura do barroco: análise de uma estrutura histórica*. (S. Garcia, Trad.). São Paulo: EDUSP. (Original publicado em 1975).
- Menezes, J. F. (1975). *Igrejas e Irmandades de Ouro Preto: a religião em Ouro Preto*. Belo Horizonte: Publicações do IEPHAMG.
- Moreira, D. (1997). *Democracia e a cidadania em marcha*. Belo Horizonte. (Pronunciamento feito na sessão especial sobre a SMACOM/BH, promovida pela Câmara de Vereadores de Belo Horizonte).
- Munanga, K. (1996a). Apresentação. Em K. Munanga (Org.). *Estratégias e políticas de combate à discriminação racial*. (pp. 11-13) São Paulo: EDUSP.



- Munanga, K. (1996b) As facetas de um racismo silenciado. Em L. SCHWARCZ e R. S. Queiroz (Org.s). *Raça e diversidade* (pp. 213-229). São Paulo: EDUSP.
- Pereira, J. B. B. (1996). Racismo à brasileira. Em K. Munanga (Org.). *Estratégias e políticas de combate à discriminação racial*. (pp. 75-78). São Paulo: EDUSP.
- Pinto, R. P. (1993). *O movimento negro em São Paulo: luta e identidade*. Tese de Doutorado, Departamento de Antropologia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, São Paulo, SP.
- Queiroz, M. I. P. (1991). *Variações sobre a técnica de gravador no registro da informação viva*. São Paulo: T. A. Queiroz.
- Ribeiro, R. (1996). Ação educacional na construção do novo imaginário infantil sobre a África. Em K. Munanga (Org.). *Estratégias e políticas de combate à discriminação racial*. (pp. 167-175). São Paulo: EDUSP.
- Ricoeur, P. (1976). *Introducción a la simbólica del mal*. (M. T. La Valle e M. Perez Rivas, Trad.s). Buenos Aires: Megapolis. (Original publicado em 1969).
- Ricoeur, P. (1978). *O conflito das interpretações: ensaios de hermenêutica*. (H. Japiassu, Trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1969).
- Ricoeur, P. (1984). *Educación y política*. Buenos Aires: Ed. Socencie.
- Ricoeur, P. (1990). *Interpretação e ideologias*. 4. a ed. (H. Japiassu, Trad.). Rio de Janeiro: Francisco Alves. (Original publicado em 1977).
- Ricoeur, P. (1991). *O si-mesmo como um outro*. (L. Moreira César, Trad.). Campinas: Papyrus Editora. (Original publicado em 1990).
- Ricoeur, P. (1996). *Tiempo y narración III: el tiempo narrado*. (A. Neira, Trad.). Madrid: Siglo Veintiuno de España Editores. (Original publicado em 1985).
- Ricoeur, P. (s. d.). *Do texto à ação: ensaios de hermenêutica II*. (A. Cartaxo e M. J. Sarabando, Trad.s). Porto: Rés. (Original publicado em 1986).
- Santos, E. P. e Mahfoud, M. (1999a). Irmandade do Rosário dos Pretos de Morro Vermelho e construção de identidade: estudo de caso de velho negro. [Resumo] Em XXIX Reunião Anual De Psicologia – SBP. *Trilhando novos rumos*. Reunião anual. Campinas. Ribeirão Preto: SBP/Legis Summa, p. 285.
- Santos, E. P. e Mahfoud, M. (1999b). Irmandade de Santa Ifigênia de Ouro Preto e Identidade Social: estudo de caso de velho mulato. [Resumo] Em X Encontro Nacional de Psicologia Social (ABRAPSO) São Paulo, p. 178.
- Santos, I. (1997). Políticas anti-discriminatórias: a ação governamental. Em Seminário Relações Raciais e Mercado de Trabalho, 1997, Belo Horizonte, *Dilemas e perspectivas da população negra*. Belo Horizonte, p. 21-28.
- Scarano, J. (1976). *Devoção e escravidão*. São Paulo: Brasiliana.
- Schmidt, M. L. S. e Mahfoud, M. (1993). Halbwachs: memória coletiva e experiência. *Psicologia USP*, 4 (1 / 2), 285-298.
- Schwarcz, L. e Queiroz, R. S. (Org.s). (1996). *Raça e diversidade*. São Paulo: EDUSP.
- Silva, V. G. e Amaral, R. de C. (1996). Símbolos da herança africana. Por quê candomblé? Em L. Schwarcz e L. V. S. Reis (Org.s). *Negras imagens: ensaio sobre cultura e escravidão no Brasil*. (pp. 195-209). São Paulo: EDUSP.



- Souza, N. S. (1981). Tornar-se negro ou As vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social. Dissertação de Mestrado, Instituto de Psiquiatria, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ.
- Sevcenko, N. (1998). Barroco: a arte da fantasia. Em E. Araújo (curador). O universo mágico do barroco brasileiro (pp. 59-61). São Paulo: SESI.
- Valente, A. L. E. (1994). O negro e a Igreja Católica. Campo Grande: CECITEC / UFMS, 1994.
- van der Leeuw, G. (1970). La religion: dans son essence et ses manifestations – phénoménologie de la religion (J. Marty, Trad.). Paris: Payot. (Original publicado em 1933).
- Vilanova, M. (1994). Pensar a subjetividade: estatísticas e fontes orais. Em M. M. Ferreira (Org.). História oral e multidisciplinaridade. Rio de Janeiro: Cpdoc / FGV, p. 45-73.
- von Simson, O. R. M. (1996). Reflexões de uma socióloga sobre o uso do método biográfico. Em J. C. S. Bom Meihy (Org.). (RE) *Introduzindo a História Oral no Brasil*. (pp. 83-90). São Paulo: Xamã.
- Wagner, H. R. (Org.), (1979). Fenomenologia e relações sociais: textos escolhidos de Alfred Schutz. (A. Melin, Trad.). Rio de Janeiro: Zahar Editores. (Original publicado em 1970).
- Xavier, R. C. L. (1996). A conquista da liberdade: libertos em Campinas na segunda metade do século XIX. Campinas: CMU / Unicamp.
- Zilles, U. (1995). *Teoria do conhecimento*. 2ª ed. Porto Alegre: EDIPUCRS.

Notas

- (1) Os dados do presente artigo se referem à Dissertação de Mestrado "Irmandades de Negros e Identidade Exigente de Velhos Negros das Gerais" de Eneida Pereira dos Santos realizada sob orientação de Miguel Mahfoud, apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Minas Gerais em 2001.
- (2) Utilizaremos o termo "negros" entre aspas para designar filiados de irmandades religiosas leigas que acolhiam negros e/ou mulatos no período colonial.
- (3) O termo leitura e não análise dos dados baseia-se nas considerações feitas por Ricoeur (1984). Atentando para a relação possível entre o relato (ficção) e a vida, ele esclareceu que o processo de composição, de configuração, não se realiza no texto, senão no leitor e, sob esta condição, possibilita a reconfiguração da vida por parte do relato. Mais exatamente, para ele, o sentido ou o significado de um relato surge da intercessão do mundo do texto com o mundo do leitor. A partir deste fazer, é possível ver se abrir a capacidade do relato transformar a experiência do mesmo leitor. Assim, para Ricoeur, falar do mundo do texto implica repetir uma característica de toda obra literária que é de permitir abrir diante dela um horizonte de experiência possível, um mundo no qual seria possível habitar. O texto não consiste, pois, em uma entidade fechada em si mesma, mas sim, em uma projeção de um universo novo, distinto daquele no qual vivemos. Apropriar-se de uma obra mediante a leitura significa esclarecer o horizonte (campo de experiências – o já vivido, assim como as expectativas do que virá) implícito do mundo que envolve as ações, os personagens, os acontecimentos da história narrada.
- (4) Escritora de renome na cidade e região, foi vereadora e inspetora da Secretaria de Educação de Minas Gerais.

Nota sobre os autores

Eneida Pereira dos Santos é Mestre em Psicologia, Coordenadora de Curso na Fundação Educacional Nordeste Mineiro, em Teófilo Otoni, Minas Gerais, Brasil. Professora da



Santos, E. P. dos e Mahfoud, M. (2002) Irmandades de negros: construção da identidade de seus velhos em Minas Gerais. *Memorandum*, 3, 72-97. Retirado em / / , do World Wide Web: <http://www.fafich.ufmg.br/~memorandum/artigos03/santos01.htm>.

Fundação Educacional Nordeste Mineiro (na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Teófilo Otoni). Coordenadora Geral do Curso de Formação Superior de Professores – Projeto Veredas na FENORD. Contato: veredas@fenord.com.br. Endereço postal: Rua Teodolindo Pereira, 111, Bairro Grão Pará, Teófilo Otoni, MG, Brasil. CEP: 39. 800-151.

Miguel Mahfoud é Doutor em Psicologia Social, professor no Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Minas Gerais, em Belo Horizonte, Brasil, na linha de pesquisa “Cultura e Subjetividade”. Contato: mmahfoud@fafich.ufmg.br.

Data de recebimento: 31/07/2002

Data de aceite: 21/10/2002